

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

ANA CLARA SAITER CORDEIRO HERCULANO

**A MORADA DOS ELEITOS: UM ENSAIO SOBRE A METANARRATIVA BÍBLICA NA
LITERATURA FANTÁSTICA DE C. S. LEWIS**

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

ANA CLARA SAITER CORDEIRO HERCULANO

A MORADA DOS ELEITOS
UM ENSAIO SOBRE A METANARRATIVA BÍBLICA NA LITERATURA
FANTÁSTICA DE C. S. LEWIS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Orientadora: Profa. Dra. Moema Vilela Pereira

Porto Alegre

2023

ANA CLARA SAITER CORDEIRO HERCULANO

A MORADA DOS ELEITOS

UM ENSAIO SOBRE A METANARRATIVA BÍBLICA NA LITERATURA
FANTÁSTICA DE C. S. LEWIS

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Humanidades, Curso de
Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul, como requisito
parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em
Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Moema Vilela Pereira

Prof. Dr. Bernardo José de Moraes Bueno

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Porto Alegre

2023

Dedico este trabalho à minha mãe, Patrícia, e à
minha madrinha, Renata, por sempre estarem
ao meu lado e por nunca duvidarem da minha
capacidade de realizar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por nunca ter me abandonado, mesmo quando eu O abandonei durante esse período difícil da minha vida. Agradeço por ter me concedido uma segunda chance de me redimir e, por meio deste maravilhoso trabalho guiado por Ti, ter me dado a oportunidade de me reconectar com o Senhor. Sem Ti eu não teria conseguido enfrentar todos os desafios e problemas que surgiram em minha vida enquanto construía esta pesquisa.

Em segundo lugar, expresso minha gratidão à minha família, em especial à minha mãe, por sempre me apoiarem e incentivarem em todos os meus projetos e na minha escrita. Mesmo que eles não compreendam completamente, isso pouco importa, pois eles estão sempre dispostos a aprender para poderem discutir comigo sobre. Amo-os por isso e por inúmeras outras razões. Agradeço a você, pai, por estar sempre ao meu lado nas discussões, mesmo quando não é necessário. Agradeço a você, mãe, por ser minha companheira constante e minha melhor amiga. Agradeço a você, irmão, por me ajudar a alcançar todo o meu potencial e por sempre acreditar nele. Agradeço a você, vovó, por me criar com tanto amor e sabedoria, sendo minha maior fonte de inspiração. E, por fim, agradeço a você, tia/madrinha, por ser a única na minha família que entende um pouco de literatura (risos) e por me ajudar com seu conhecimento nessa área.

Agradeço a todos os meus professores da Escrita Criativa, em especial à minha orientadora, Moema, por ter me auxiliado nessa etapa tão significativa da minha vida acadêmica. Sou grata por todo o conhecimento que me foi transmitido durante esses anos de graduação. Agradeço aos professores Jana, Bernardo, Luís Roberto, Altair, Baldi e Telló por serem os melhores professores que já conheci. Agradeço a Deus por ter me proporcionado a oportunidade de aprender com vocês.

E por último, mas não menos importante, agradeço a todas as minhas amigas que conheci durante este curso, especialmente a Carol por ter me ajudado especificamente neste trabalho. Obrigada por tudo, minhas lindas Renata, Gabriela T., Gabriela S., Nádia, Júlia, Laura C., Luísa H., M. Eduarda, Marina L. e Camila. Amo vocês.

“Eu descobri em mim mesmo desejos os quais nada nesta terra podem satisfazer, a única explicação lógica é que eu fui feito para outro mundo.”

- C. S. Lewis

RESUMO

Este trabalho é dividido em duas partes: um ensaio teórico e uma narrativa ficcional longa com um prólogo e dois capítulos. O ensaio analisa a relação entre a metanarrativa bíblica e a literatura fantástica, com foco no romance *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa* de C. S. Lewis (2011) e a construção do protagonista Edmundo Pevensie. O objetivo é mostrar como essas duas formas de literatura estão interligadas e como isso influencia a formação das personagens e o público leitor. Foram consultados materiais teóricos sobre os estudos de Marcio S. Vasconcellos (2019) e Colin. N. Manlove (1992) sobre as narrativas cristãs e seu papel no gênero fantástico, além de Northrop Frye (2021), que discute a influência da Bíblia na literatura. Essas referências teóricas proporcionam uma base sólida para explorar as intertextualidades entre as histórias ficcionais e a *Bíblia sagrada*. Também reflete sobre a literatura fantástica e a *Bíblia sagrada*, abordarem experiências humanas e teológicas, desafiando estruturas racionais e explorando o mistério e o sagrado. O prólogo e os dois capítulos ficcionais são parte da narrativa longa intitulada *A morada dos eleitos*, ainda em construção. Eles narram a história de duas irmãs em caminhos distintos paralelamente, explorando em seu enredo as intertextualidades do fantástico com a Bíblia. Através dessa abordagem, busca-se revelar como essas influências se manifestam e impactam as vidas das personagens, proporcionando uma experiência envolvente e reflexiva.

Palavras-chave: Escrita Criativa; Literatura Fantástica; *A Bíblia sagrada*; *As crônicas de Nárnia*; C. S. Lewis.

ABSTRACT

This work is divided into two parts: a theoretical essay and a long fictional narrative with a prologue and two chapters. The essay analyzes the relationship between biblical metanarrative and fantastic literature, focusing on the novel *The chronicles of Narnia: the lion, the witch and the wardrobe* by C. S. Lewis (2011) and the construction of the protagonist Edmund Pevensie. The goal is to show how these two forms of literature are intertwined and how this influences the formation of the characters and the readership. Theoretical materials were consulted in the studies of Marcio S. Vasconcellos (2019) and Colin. N. Manlove (1992) on Christian narratives and their role in the fantastic genre, as well as Northrop Frye (2021), who discusses the influence of the Bible on literature. These theoretical references provide a solid foundation for exploring the intertextualities between fictional stories and *The Holy Bible*. It also reflects on how fantastic literature and *The Holy Bible* address human and theological experiences by challenging rational structures and exploring mystery and the sacred. The prologue and the two fictional chapters are part of the long narrative entitled *A morada dos eleitos*, still under construction. They tell the story of two sisters on different paths in parallel, exploring in their plot the intertextualities of the fantastic with the Bible. Through this approach, it seeks to reveal how these influences manifest themselves and impact the lives of the characters, providing an engaging and reflective experience.

Keywords: Creative Writing; Fantastic Literature; *The Holy Bible*; *The chronicles of Narnia*; C. S. Lewis.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 9 |
| 2 A LITERATURA FANTÁSTICA E A BÍBLIA SAGRADA | 11 |
| 2.1 AS CRÔNICAS DE NÁRNIA E A METANARRATIVA BÍBLICA..... | 17 |
| 2.2 EDMUNDO, O JUSTO..... | 22 |
| 3 A MORADA DOS ELEITOS | 27 |
| 3.1 SINOPSE | 27 |
| 3.2 ROMANCE | 28 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 46 |
| REFERÊNCIAS | 48 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão da importância e relevância da Bíblia na literatura, tanto como o crescimento da literatura para os cristãos, é um ponto fundamental do meu trabalho, que visa apontar as características e aspectos filosóficos e teológicos na literatura fantástica. Segundo Northrop Frye (2021, p. 20), crítico literário célebre do século XX: “A Bíblia, claramente, é um elemento essencial de nossa própria tradição imaginativa, não importa o que pensemos acreditar a respeito dela.”.

O cerne em valores, este enquanto princípios morais e éticos, se apresenta como parte da formação da consciência evidenciada na maneira de agir e de se relacionar em uma sociedade. Nesse contexto, a Bíblia destaca-se como uma preciosa fonte de valores e princípios especiais, enfatizando a proposta de caminhar em direção a uma sociedade fraterna.

Em uma sociedade permeada pelo relativismo e pela contraposição à ideia de absolutos, é essencial enfatizar a importância da ética e do respeito mútuo como bases fundamentais para a edificação de um ambiente saudável e harmonioso. Em meio às constantes inversões de valores e divisões presentes, reafirmar tais princípios torna-se crucial para promover a convivência social pautada no respeito e na valorização do outro.

Com o intuito de disseminar esses valores, a literatura fantástica pode servir de instrumento em direção a essa proposta que atenda a eficácia dos princípios bíblicos.

Dito isso, esse ensaio irá falar sobre literatura cristã, pois acredito ser de grande importância, como cristã, passar a mensagem e os valores de Deus adiante. Além de ser o objetivo e propósito do cristão, após convertido, nós não só lemos, mas vivemos a palavra. A Bíblia se torna nossa fonte de conhecimento, então não faz sentido falar ou escrever sobre outro tema.

Não foi diferente com o autor que irei mencionar na minha pesquisa, C.S. Lewis, escritor que após convertido não escreveu nada além de livros com temáticas cristãs, tanto ficção quanto não ficção.

Para Lewis (2021, p. 251), a identidade espiritual tem a mesma relevância: “Todos os meus atos, desejos e pensamentos deveriam ser postos em harmonia com o Espírito universal. Pela primeira vez examinei-me a mim mesmo com um propósito seriamente prático”.

Ateu confesso por muitos anos, acabou se rendendo à fé bíblica cristã. A autobiografia de C.S. Lewis, intitulada *Surpreendido pela alegria*, relata sua jornada pessoal de saída do ateísmo e sua transformação em um dos apologetas mais influentes do cristianismo.

Com isso, esta pesquisa tem o objetivo de analisar a importância do gênero literário fantástico em consideração à história produzida por C. S. Lewis, seu romance de língua inglesa *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, com o intuito de ilustrar como tais intertextualidades e referências são trabalhadas por ele, e como isso influencia na formação das personagens e do público leitor da obra. Será também analisada a narrativa bíblica como instrumento de influência de valores cristãos na construção do imaginário popular.

Para cumprir com os objetivos propostos, foram consultados e analisados materiais teóricos sobre literatura fantástica, tanto com embasamento no cristianismo, quanto no contexto não-cristão. Esses materiais serão utilizados como base teórica para a formação de um ensaio que apresente a intertextualidade entre as histórias ficcionais e a narrativa da *Bíblia sagrada*, procurando mostrar a sua importância na literatura.

Nesse contexto, o ensaio será dividido em três sessões: a fundamentação teórica com a contextualização da presença do cristianismo na literatura fantástica; a relação do primeiro livro da saga de *As crônicas de Nárnia* com a metanarrativa bíblica e um relato pessoal sobre a minha experiência com a obra; e, por último, a análise de um de seus personagens, “Edmundo, o Justo”.

Analisarei, especificamente, o personagem Edmundo Pevensie, o terceiro dos quatro irmãos protagonistas de *As crônicas de Nárnia* que está presente em quatro livros da saga. Nesse primeiro livro lançado por Lewis, que mencionei anteriormente, acompanharemos o pequeno Edmundo ainda imaturo e muitas vezes tendo atitudes duvidosas no seu descobrimento do país de Nárnia. Escolhi este personagem em específico, pois, de alguma maneira, ele é um dos personagens mais identificáveis da saga. Com toda a sua sagacidade e imprevisibilidade, Edmundo é, facilmente, o personagem mais interessante.

Ele também serviu de inspiração para a criação de uma das protagonistas em meu romance *A morada dos eleitos* que representa a minha parte criativa., a irmã mais velha Elena. A história irá narrar, em terceira pessoa, os caminhos distintos de duas irmãs paralelamente. Com a minha parte criativa, quero mostrar como as intertextualidades do fantástico e da metanarrativa bíblica funcionam na prática e conforme é retratada em diferentes formas essas influências.

2 A LITERATURA FANTÁSTICA E A BÍBLIA SAGRADA

A Literatura Fantástica é um gênero vasto e multifacetado que desafia as definições convencionais e oferece uma variedade de temas, estilos e abordagens. É essa complexidade e pluralidade que têm atraído leitores e estudiosos ao longo do tempo, por proporcionar um terreno fértil para a exploração da imaginação, do simbólico e do humano por meio de narrativas envolventes e extraordinárias.

A origem do gênero fantástico é desconhecida, mas é provável ter surgido a partir da presença de elementos sobrenaturais em diversas tradições culturais ao redor do mundo, desde as antigas lendas e mitos da Grécia Antiga, como a Odisseia de Homero, até os contos folclóricos dos irmãos Grimm na Alemanha. Essas histórias frequentemente incluíam criaturas míticas, magia, seres sobrenaturais e eventos inexplicáveis.

Ainda mais cedo, (aproximadamente 3100 a.C. até 30 a.C.) nas antigas epopeias mesopotâmicas e na mitologia egípcia, encontramos histórias que incluem deuses, monstros e eventos sobrenaturais. Esses relatos ajudaram a estabelecer as bases para a tradição de contar histórias com elementos fantásticos.

Gene Edward Veith, autor, acadêmico e professor emérito de literatura no Patrick Henry College, acredita que foi no século XIX que o gênero literário fantástico se concretizou na literatura.

Para Veith (1988, p. 36, tradução minha)¹: “O século XIX foi um período de grande ressurgimento da fantasia. O Romantismo recebeu seu nome dos romances medievais, cujo senso de maravilha e estímulo imaginativo os poetas românticos buscaram reavivar.”

Na tentativa de defini-la, Charles Nodier, escritor francês do século XIX, acreditava que a realidade das nossas experiências e sensações fazem parte de toda a constituição do fantástico.

Segundo Marcio S. Vasconcellos (2019, p. 237), doutor em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-RJ):

Para Nodier, o desenvolvimento da literatura fantástica deu-se em três etapas: a primeira refere-se à poesia, por meio da qual eram apresentadas as sensações experimentadas pelo ser humano em contato com o mundo. Tratava-se de descrever e representar o mundo material “por meio das sensações que despertavam nos espectadores.”. Num segundo momento, o foco poético volta-se ao desconhecido, e o ser humano pela poesia

¹ Texto original: “The nineteenth-century was a time of great resurgence of fantasy. Romanticism took its name from the medieval romances, whose sense of wonder and imaginative stimulation the Romantic poets sought to rekindle” (VEITH, 1988, p. 36).

aprofunda as leis ocultas da sociedade, estudando as fontes secretas da organização universal e, escutando “no silêncio da noite a maravilhosa harmonia das esferas, inventou as ciências contemplativas e as religiões.” O terceiro foco, enfim, é o que Nodier chama de invenção da mentira, uma “região ideal, menos imponente, mas não menos rica em seduções”, cuja existência fornece à literatura fantástica um elemento divino-imaginativo.

Sendo assim, o fantástico é aquele misterioso e intruso que, paradoxalmente, é acolhido devido à sua capacidade de revelar dimensões da vida que vão além da mera racionalização, expandindo nossas percepções para além dos limites convencionais. Ele se alimenta dos conflitos entre o real e o possível, explorando as tensões e interações entre esses dois domínios para criar narrativas instigantes.

Segundo Veith (1988, p. 35, tradução minha)²: “A relação (entre ficção e a realidade), no entanto, era compreendida como sendo temática ou simbólica, oferecendo exemplos idealizados que podem esclarecer a experiência humana real e alegorizando verdades morais ou filosóficas”.

De acordo com essa linha de raciocínio, é possível compreender a literatura fantástica como uma “nova modalidade do imaginário, criada no fim do século XVIII e utilizada para fornecer eficazes e sugestivas transcrições da experiência humana da modernidade” (CESERANI, 2006, p. 8). São exatamente essas experiências perturbadoras que se tornam o ponto focal para compreender o fantástico como uma forma de expressão de uma experiência mística. Essas narrativas trazem para o contexto do cotidiano, com suas interações interpessoais, trabalho, estudo, prazeres, dores, vitórias e derrotas, elementos de surpresa, admiração, terror ou alegria que desafiam uma assimilação fácil e restauram na vida um senso de assombro e mistério.

Ao utilizar o termo “fantástico”, não nos referimos apenas a um elemento interessante presente em narrativas literárias, mas sim àquilo que abala as estruturas racionais e lógicas da vida humana, ultrapassando-as sem eliminá-las por completo. Essa invasão de algo absolutamente novo no cotidiano humano, trazido pela literatura fantástica, aproxima-se da própria experiência mística cristã. É por todas essas razões que podemos afirmar que a literatura fantástica pode transmitir experiências profundamente humanas, incluindo as experiências teológicas. Nesse sentido, algumas formas de literatura fantástica também podem ser considerada uma forma não teórica de teologia.

² Texto original: “The relationship, though, was understood as being thematic or symbolic, offering idealized examples that can clarify real human experience and allegorizing moral or philosophical truths” (VEITH, 1988, p. 35).

De acordo com Frye (2021, p. 20–1):

Na literatura inglesa, os cânones da crítica foram firmados principalmente por Samuel Johnson, que seguiu a prática protestante costumeira de manter o aspecto poético da Bíblia e a literatura secular em compartimentos separados. Foi dos românticos a percepção de que tal separação era irracional. [...] a teoria crítica está entrando em foco novamente, e muitos críticos contemporâneos estão bem cientes da relevância da crítica bíblica para a literatura secular.

Partindo do pressuposto de que a Bíblia (livro sagrado para os cristãos) é também literatura, podemos afirmar que existe narratividade em suas escrituras. Por exemplo, no relato da criação no primeiro livro do Velho Testamento, Gênesis, escrito (supostamente) por Moisés, podemos ver o fantástico criado por Deus, quando Ele molda o homem a partir do barro, ou quando com um sopro Seu dá a vida àquele ser; o diálogo entre Eva e a serpente dá luz a questionamentos humanos profundos e sentimentais, onde o ser humano se pergunta pela primeira vez sobre a sua própria capacidade. Podemos mencionar também a narrativa do livro de Êxodo que possui muitos elementos fantásticos como a abertura do mar vermelho que, por meio do poder de Deus, abriu para que os hebreus passassem e fugissem dos egípcios. Além disso, o último livro do Novo Testamento, Apocalipse, escrito por João, que por meio de uma profecia revelada por Jesus, descreve imagens impressionantes em suas visões, que emanam de uma perspectiva de um mundo em iminente destruição, narrativa essa que é muito comum na literatura contemporânea.

Vasconellos (2019, p. 250) explica que:

[...] quando a teologia reencontra a espiritualidade expressa na literatura fantástica e a reconhece como parte integrante de sua reflexão sistemática; quando a Bíblia é lida com olhos do poeta, do literato e do místico (no fundo, uma só pessoa), então há novos lugares a explorar teológica e existencialmente.

Sendo assim, a mistura entre o fantástico e o cotidiano está muito presente na Bíblia como também está na literatura fantástica “secular”, fazendo com que as histórias do gênero possam ser facilmente inspiradas nas escrituras.

Como, por exemplo, o sonho de Jacó, no texto de Gênesis 28:10-17 (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 21-2)³:

Partiu Jacó de Berseba e seguiu para Harã. Tendo chegado a certo lugar, ali passou a noite, pois já era sol-posto; tomou uma das pedras do lugar, fê-la seu travesseiro e se deitou ali mesmo para dormir. E sonhou: Eis posta na terra uma escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. Perto dele estava o Senhor e lhe disse: Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu a darei a ti e à tua descendência. A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul. Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te

³ Todas as demais citações à Bíblia Sagrada neste trabalho fazem parte desta referência.

não desampararei, até cumprir eu aquilo que te hei referido. Despertado Jacó do seu sono, disse: Na verdade, o Senhor está neste lugar e eu não o sabia. E, temendo, disse: Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus.

O temor experimentado por Jacó revela que sua experiência com Deus ocorreu em um contexto totalmente desconhecido de sua realidade cotidiana. Nesse contexto, a linguagem empregada na literatura fantástica revela-se notavelmente criativa e profunda. De maneira similar, o texto bíblico também possui narrativas capazes de transformar o solo comum que pisamos em solo sagrado, ampliando nossa percepção do cotidiano.

Dito isso, é importante ter em considerações as seguintes palavras:

[...] grande parte da Bíblia é contemporânea a uma fase metafórica da linguagem, em que muitos aspectos do sentido verbal não se podem transmitir senão por meios metafóricos e poéticos. Não só grandes porções do Antigo Testamento são escritas em verso, como também a prosa, com seus frequentes interlúdios em verso, mostra uma forte afinidade com a linguagem associativa e figurada do verso. (FRYE, 2021, p. 97–98).

Com isso, podemos dizer que há várias narrativas bíblicas que inspiram autores tanto diretamente quanto indiretamente, ou seja, em literatura cristãs e seculares. A frase, “A vida imita a arte e a arte imita a vida” nunca fez tanto sentido até agora. Como uma fenda tirada dos meus olhos, consegui, finalmente, entender os significados e a origem de muitos caminhos narrativos.

Além disso, as parábolas de Jesus também têm um papel significativo. Jesus frequentemente utilizava essas histórias ilustrativas para transmitir ensinamentos sobre os pecados, suas consequências e a redenção que Ele oferecia aos Seus seguidores. Assim como nas narrativas fantásticas, as parábolas bíblicas possuem um aspecto simbólico e moral, buscando transmitir mensagens profundas de forma acessível e memorável. Essas influências bíblicas na cultura popular, seja na forma de elementos fantásticos, profecias ou parábolas, contribuem para a riqueza e o impacto dessas narrativas, permitindo que valores e ensinamentos sejam transmitidos de maneira envolvente e reflexiva.

C. S. Lewis (2018, p. 42) afirma que: “Esta é uma das funções da arte: apresentar o que as perspectivas estreitas e desesperadamente práticas da vida real excluem.”. Podemos dizer, então, que a ficção também serve como aporte de experiências místicas e do cotidiano para podermos compreender melhor o mundo em nossa volta.

Usando essa metanarrativa bíblica, o gênero literário fantástico com a cosmovisão cristã do autor, forma-se, então, as fantasias cristãs que:

[...] não são apenas produzidas por meio dos padrões de crença e narrativa cristã presentes nelas, mas também pela inculcação de um sentimento, uma tentativa de nos

fazer vibrar imaginativamente com uma realidade divina, ao mesmo tempo próxima e distante, presente tanto em nós como nos outros.” (MANLOVE, 1975, p. 163, tradução minha)⁴.

A literatura fantástica cristã cresce no Brasil, como os romances *A lágrima de Vidro* e *Caledrina Cefyr e a fonte perdida*, de Gabriela Costa, novata e cristã, e o autor veterano cristão L. L. Wurlitzer, que se dedica exaustivamente à conclusão de uma série de ficção cristã chamada *As crônicas de Olam*. Ambos usam de suas cosmovisões como ponto de partida para a criação de suas histórias.

Porém, quando se fala de literatura fantástica cristã, é impossível não mencionar um dos mais importantes e influentes autores do século passado. C. S. Lewis é amplamente conhecido por criar *As crônicas de Nárnia*, uma coleção de romances infantis que se tornaram verdadeiros clássicos da literatura. Uma das grandes marcas da literatura de Lewis, seja na ficção ou não-ficção, é a apologia cristã, algo no qual ele se debruçou durante grande parte da sua vida e obra.

Para alguns estudiosos o fantástico pode ter como fontes: as teorias místicas, religiosas, ou os aspectos tecnológicos e cibernéticos. A primeira conta com aspectos de anjos, demônios, céus, deuses, faunos, reis, princesas, animais falantes, mundos metafísicos, etc.

Para Lewis, a fantasia transcende por relacionar a imaginação como um dom concedido pelo próprio Criador:

[...] sendo que o Criador julgara conveniente construir um universo e colocá-lo em movimento, era dever do artista criar por sua vez com toda a prodigalidade possível. O autor romanesco, que inventa todo um mundo, está adorando a Deus de modo mais eficaz do que o mero realista que analisa a realidade ao seu redor. (LEWIS apud BELL; DAWSON, 2006, p. 305).

A conversão de C. S. Lewis foi importantíssima e o consolidou como um dos gigantes do século XX diante de sua célebre contribuição não apenas para a literatura fantástica, mas principalmente pela maneira como apresentou os valores do cristianismo e a abordagem do assunto em seus livros e ensaios.

Em Lewis, é fascinante notar a riqueza intelectual e a habilidade criativa presentes em sua escrita fantástica. Especialmente as suas “crônicas de Nárnia”, onde se verifica a estética literária do escritor. Diante disso, é preciso redescobrir o C. S. Lewis com toda a sua maestria, simbolismo, filosofia e teologia através dos seus textos fantásticos.

Como dizia C. S. Lewis (2011, p. 747):

⁴ Texto original: “[...] are so not only by virtue of patterns of Christian belief and narrative in them, but also through the inculcation of a feeling, an attempt to make us thrill imaginatively to a divine reality both near and far both with us and other” (MANLOVE, 1975, p. 163).

[...] o país das fadas desperta no menino um anseio por algo que ele não sabe o que é. Comove-o e perturba-o (enriquecendo toda a sua vida) com a vaga sensação de algo que está além de seu alcance, e, longe de tornar insípido ou vazio o mundo exterior, acrescenta-lhe uma nova dimensão de profundidade. O menino não despreza as florestas de verdade por ter lido sobre florestas encantadas: a leitura torna todas as florestas de verdade um pouco encantadas.

J. R. R. Tolkien, autor da saga do grande sucesso *O senhor dos Anéis*, foi fundamental para o descobrimento da identidade espiritual de Lewis. Certa vez, ao conversar com seus amigos Hugo Dyson (escritor e cristão) e J. R. R. Tolkien a respeito da natureza dos mitos, Tolkien disse a Lewis que eles, assim como os contos de fadas, não são mentiras, mas verdades parciais, encobertas. De acordo com ele, “Cristo era o mito que se tornou fato histórico” (MIRANDA, 2019, p. 16), ou seja, em Cristo, ocorreu uma união singular na história, na qual o mito e o fato se entrelaçaram.

Além disso, Lewis e Tolkien, juntamente com outros escritores da época, como Charles Williams e Owen Barfield, formaram um grupo conhecido como “Os Inklings”, que significa “borrão”, “vaga noção” ou “mancha de tinta”. Eles se reuniam regularmente para discutir literatura, filosofia e teologia. Esses encontros foram importantes para o desenvolvimento da obra de cada escritor e para a criação de um ambiente intelectualmente estimulante e inspirador.

Apesar de terem sido muito próximos, Tolkien não gostava de como Lewis usava muito do recurso de interpretação alegórica da Bíblia para a construção de seus personagens e da narrativa de suas histórias.

De acordo com Veith (1988, p. 36, tradução minha)⁵:

(Tolkien, com certeza, não gostava de ver alegoria contaminando a fantasia, embora C.S. Lewis a defendesse em grande parte de seus escritos acadêmicos e em grande parte de sua própria ficção.) Transformar fantasia em alegoria — ou vice-versa — teve uma longa tradição medieval e floresceu durante a Reforma.

Em *As crônicas de Nárnia* de Lewis, podemos ver elementos da mitologia, da religião e da filosofia cristã. Ele usou o mundo fantástico para expressar suas ideias e valores, e suas obras são vistas como exemplos de como a literatura pode ser usada para explorar questões profundas e complexas. Na próxima parte mostrarei como essas intertextualidades funcionam em suas práticas e as minhas experiências pessoais ao consumir as suas obras.

⁵ Texto original: “(Tolkien, to be sure, disliked allegory contaminating fantasy, although C.S. Lewis defended it through most of his scholarly writing and in much of his own fiction.) Turning fantasy into allegory — or vice versa — had a long medieval tradition, and it flourished during the Reformation” (VEITH, 1988, p. 36).

2.1 AS CRÔNICAS DE NÁRNIA E A METANARRATIVA BÍBLICA

Conforme mencionado anteriormente, existem diversas semelhanças entre o cristianismo e os mitos, incluindo a presença do elemento fantástico. Como já é amplamente conhecido, C.S. Lewis criou *As crônicas de Nárnia* com o propósito de desenvolver uma alegoria cristã significativa.

O cerne desse mundo é construído em torno de valores, mensagens e metáforas encontradas em histórias bíblicas. No entanto, ao ler com atenção os primeiros livros da saga, percebe-se que Lewis concebia Nárnia não apenas como uma terra onde o Deus Cristão assume a forma de um leão, mas sim como um lugar habitado por elementos provenientes do imaginário coletivo da humanidade. Isso inclui criaturas como faunos, provenientes dos mitos greco-romanos, anões oriundos dos mitos nórdicos e até mesmo o Papai Noel, uma figura lendária, com suas origens no paganismo, que posteriormente se misturou com as crenças cristãs.

Todos esses seres estão em um mundo paralelo chamado Nárnia, onde diferentes mitologias se encontram, e o motivo pelo qual o autor escolheu incluí-los foi a grande popularização das mitologias nas décadas de 30 e 40, devido ao recente romance de J. R. R. Tolkien, *O Hobbit*.

Em *As crônicas de Nárnia*: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa, o objetivo de Lewis era usar uma linguagem mais infantil e atual que continha valores cristãos para as crianças da época, que não possuíam materiais como a Bíblia do bebê, do menino ou da menina, igual temos hoje em dia. Era muito difícil atingir esse público, sobretudo com esse tema, pois, como o autor tem por experiência na infância, gostaria de ter lido um livro de fantasia que falasse um pouco sobre a sua crença e a de sua família.

Além disso, visava transmitir de uma maneira prática e fácil, como que funcionava os principais ensinamentos da Bíblia, ou seja, a metanarrativa bíblica que, por sua vez, é uma ideia referida à narrativa global e abrangente apresentada pela Bíblia em sua totalidade. Essa metanarrativa é composta por uma série de histórias interconectadas que descrevem a criação do mundo, a queda da humanidade, a promessa de redenção e a restauração final, ou seja, criação, queda, redenção e consumação, onde todas giram em torno de um personagem principal: Jesus Cristo.

Antes de tudo, é importante lembrar que *As crônicas de Nárnia* foram escritas em formato de fábulas, o que significa que os elementos e personagens presentes nem sempre

possuem uma correspondência direta com elementos ou personagens da realidade. No entanto, o conjunto desses elementos e o estilo narrativo dessas histórias sempre trazem consigo um valor a ser aprendido.

Dessa forma, um mundo alternativo é criado, no qual uma jornada pelo absurdo nos leva de volta à realidade com um prazer renovado. Como o próprio autor ensina em seu livro *Sobre histórias*, os animais mitológicos que falam e o mundo de Nárnia têm o propósito de renovar nossa forma de lidar com a realidade. Através das histórias desse mundo absurdo, aprendemos valores que guiarão nossas vidas, ou seja, Nárnia nos apresenta um mundo fantástico para renovar nosso olhar sobre a realidade.

Neste primeiro livro da saga, lançado em 1950, conta-se a história de quatro irmãos — Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia — que são enviados para uma casa de campo onde vive um professor, durante a Segunda Guerra Mundial, a fim de escapar dos perigos de Londres. Em sua nova residência, eles descobrem um guarda-roupa mágico que os transporta para o mundo de Nárnia, um reino encantado habitado por criaturas míticas e governado pelo poderoso leão Aslam. No entanto, Nárnia está sob o domínio da cruel Feiticeira Branca, que lançou um inverno perpétuo sobre a terra, mantendo-a mergulhada em uma era de escuridão e tirania. Conforme os irmãos exploram Nárnia, eles se veem envolvidos em uma profecia antiga que prevê a vinda de quatro crianças humanas para auxiliar na libertação do reino.

Com a ajuda de criaturas falantes, como o fauno Sr. Tumnus e os castores, Sr. e a Sra. Castor, as crianças embarcam em uma jornada perigosa para unir os povos de Nárnia e desafiar o reinado opressor da Feiticeira Branca. À medida que a batalha entre o bem e o mal se intensifica, os irmãos descobrem sua própria coragem, lealdade e sacrifício, enfrentando provações emocionantes e aprendendo importantes lições sobre fé, esperança e redenção.

A ideia desta história surgiu a partir de uma “visão” que o autor teve em sua adolescência, “com uma imagem de um fauno, carregando um guarda-chuva no braço e vários pacotes de presentes” (MIRANDA, 2019, p. 19) que nunca foi embora de sua mente. Este tornou-se um de seus personagens coadjuvantes, o Sr. Tumnus, o fauno que a pequena Lúcia encontra quando entra pela primeira vez em Nárnia através do guarda-roupa. Além disso, as quatro crianças protagonistas foram inspiradas em quatro crianças reais — Peter, Ann, Martin e Rose — que se refugiaram na casa de Lewis em Kilns, na II Guerra Mundial. Certo dia, uma delas, “olhando para um velho guarda-roupa que o autor mantinha [...], perguntou o que estava por trás dele e se havia nele uma porta de saída para outro lugar. Isso muito o intrigou.” (MIRANDA, 2019, p. 18-19).

Quando um texto apresenta elementos, personagens, citações diretas ou indiretas, paródias, alusões, referências simbólicas ou estruturas narrativas semelhantes a outros textos, está estabelecendo uma intertextualidade. Se dá como uma relação entre textos em que um texto se refere, cita, dialoga ou se relaciona com outros textos pré-existentes, criando uma rede de referências e influências que enriquecem o significado e a compreensão dos textos envolvidos. Essas referências podem ser explícitas, quando há uma citação direta ou uma alusão clara a um texto anterior, ou implícitas, quando há uma influência mais sutil ou uma conexão temática.

Desde que comecei a ler a *Bíblia sagrada*, fiquei impressionada com a intertextualidade implícita existente entre os livros de ficção e a própria Bíblia. Ao aprofundar meus estudos, descobri como esse livro, mesmo sendo desacreditado por muitos, exerce uma influência surpreendente na cultura popular, especialmente na literatura. Isso despertou em mim o desejo de abordar esse tema e mostrar que a mera existência da Bíblia vai muito além do que o mundo imagina. Quero destacar como esse gênero literário pode servir como um apoio aos valores cristãos, sem necessariamente buscar a evangelização, mas sim proporcionando reflexão e entretenimento significativos.

Como não tive o hábito de ler quando criança, devido à falta de incentivo da minha família, tive a oportunidade de conhecer as histórias de Nárnia através dos filmes lançados entre 2005 e 2010 pela Walt Disney Pictures. Lembro-me até hoje da minha mãe falando que o leão, Aslam, representava Jesus, não que naquela época eu entendesse o que isso significava, mas eu amava aquela história e acabei vendo todos os filmes lançados, e aquelas crianças e o leão nunca mais saíram de minha cabeça. Provavelmente, foi nesse momento que me apaixonei pela fantasia.

Li os livros há alguns anos, mas nunca terminei a saga. Com essa pesquisa, tive que relê-los e decidi rever os filmes também. A única coisa que posso dizer é que chorei, e muito. Óbvio que o sentimento de nostalgia influenciou um pouco, mas assistir ao filme com uma mente mais madura, realmente muda o seu entendimento sobre a história que está sendo contada.

Um fator adicional que contribuiu para o entendimento da história foi o fato de eu já ter me convertido, o que fez com que a cena da morte de Aslam, ocorrida em lugar de uma criança que o traiu, se tornasse uma das cenas mais emocionantes que já assisti. E é exatamente essa cena que discutirei aqui, já que considero a mais importante e evidente de todas as crônicas.

Aslam, o Grande Leão, é uma entidade mística que reina sobre Nárnia, sendo não só o criador daquele mundo, mas também o seu líder supremo. Ele é constantemente chamado de Rei pelos personagens, mas, ao longo da história, percebemos que, na verdade, é um Deus, ou filho de Deus, devido às menções do Imperador Além-Mar, que pode ser interpretado como o Pai de Aslam, mas também Aslam, pois na cosmovisão cristã, Jesus, filho de Deus, era 100% homem e 100% Deus, ou seja, Jesus é simultaneamente filho de Deus e uma manifestação do próprio Deus.

Como disse Jesus em João 17:20-22 (BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 724):

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vieram a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; [...].

Assim como Jesus Cristo, Aslam, em algumas das crônicas, cumpre um papel de Deus Criador e em outras o papel de filho de Deus.

O Imperador Além-mar, apesar de nunca aparecer de fato na história, sempre é citado como o Governante de todos os mundos, inclusive da nossa Terra. Ele criou a “Magia Profunda da Aurora do Tempo” que são um conjunto de leis mágicas que regem os princípios do Mundo narniano e dá poder a Aslam.

Aslam é descrito como acolhedor e, ao mesmo tempo, amedrontador, características essas que fazem parte da construção da imagem de Jesus no imaginário cristão.

Durante o período da ditadura em Nárnia, estabelecida pela Feiticeira Branca Jadis, que chegou de outro mundo paralelo, como visto em *O sobrinho do Mago*, Aslam, que nesse tempo havia desaparecido, se tornou um tema de debates e provações de fé. Muitos dos animais e seres que habitavam Nárnia acreditavam que, um dia, ele retornaria para encerrar o reinado da Feiticeira, cumprindo, dessa forma, a profecia que manipulou os eventos para que os quatro irmãos, dois filhos de Adão e duas filhas de Eva, chegassem e se tornassem reis e rainhas de Nárnia. Essa situação pode ser comparada à fé cristã, em que se acredita que Jesus voltará para salvar os Seus seguidores e erradicar o mal do mundo de uma vez por todas.

A intertextualidade se torna mais intensa quando Aslam se oferece como sacrifício no lugar de um dos irmãos, Edmundo Pevensie, que o traiu ao se aliar à Feiticeira.

Conforme as leis estabelecidas nesse mundo mencionado anteriormente, Jadis detém o direito sobre qualquer pessoa que trísse Nárnia, incluindo Aslam. Nesse momento, temos a representação do Messias ou Jesus Cristo que se sacrifica em substituição de Seus filhos,

demonstrando a capacidade de perdão e compaixão de Aslam, mesmo em relação àqueles que o traíram, como Edmundo.

Contudo, Aslam explica mais tarde que havia uma lei da “Magia mais Profunda” a qual a Feiticeira desconhecia. A de que, se um inocente se voluntariasse para morrer no lugar de um traidor na mesa de pedra, a mesa se partiria ao meio, e ele ressuscitaria. Quem presencia esse momento são as irmãs Susana e Lúcia, fazendo referência as mulheres que encontraram o túmulo de Jesus vazio, indicando a sua ressurreição.

Podemos observar na história que o sacrifício de Aslam foi, em primeiro lugar, voluntário. Ninguém o impeliu a morrer por Edmundo. Ele se entregou a morte porque essa era a sua vontade.

Da mesma forma, segundo o relato cristão, Cristo se entregou voluntariamente, assim como descrito no livro de Isaías 53:7. Ele é o servo sofredor que, como uma ovelha muda, se oferece aos seus criadores de forma livre e espontânea, conforme mencionado em João 10:18. Ele é o substituto pelos que o Pai lhe deu, conforme registrado em João 17:24. Seu sacrifício é eficaz ao ser por meio do seu sangue que obtemos o perdão, pela Graça de Deus, através da fé, como mencionado em Efésios 1:7-8. Não há nada que possamos acrescentar ou fazer para merecer esse sacrifício, como destacado em Efésios 2:8-9. Por meio de Jesus, somos reconciliados com Deus Pai, como afirmado em Colossenses 1:22, e sua obra é transformadora, pois aqueles que estão em Cristo se tornam novas criaturas, conforme mencionado em 2º Coríntios 5:17.

Como disse anteriormente, essa é uma das cenas mais lindas, sendo bastante significativa para a mensagem que Lewis queria passar. A adaptação para o cinema cumpriu seu papel com maestria, conseguindo transmitir sentimentos fortes para quem acredita em um ser redentor.

Em uma cena, Lewis conseguiu transferir o verdadeiro significado do cristianismo de maneira simples, mas muito bem executada, onde todos, até os mais imaturos, conseguem acessar.

2.2 EDMUNDO, O JUSTO

O nome Edmundo pode significar “protetor das riquezas” ou “protetor rico”. Outro significado possível é o de “o mundo que se opõe a Deus” (MIRANDA, 2019, p. 64–65). Ou seja, Lewis não colocou este nome neste personagem atoa e logo vocês irão entender.

Edmundo Pevensie é o terceiro dos quatro irmãos que se tornaram reis e rainhas de Nárnia e como cada um deles possui sua jornada individual através deste país fantástico, decidi discutir sobre o processo mais completo e significativo de toda a saga. Ele é um personagem muito importante para todas as crônicas, sendo o segundo a ter passado mais tempo no mundo criado por C. S. Lewis, ficando atrás apenas de sua irmã mais nova Lúcia.

Ele é retratado como um menino de dez anos com um temperamento muito difícil e uma atitude arrogante, frequentemente se colocando acima e achando-se melhor do que seus irmãos. Conforme a história se desenrola, percebemos que Edmundo é, na verdade, uma criança negligenciada e constantemente repreendida por seus irmãos mais velhos, especialmente por Pedro. Na década de 40, era comum que os irmãos mais velhos assumissem responsabilidades precocemente em relação aos mais novos, muitas vezes desempenhando o papel de pai ou mãe. Além disso, no livro dá a entender que Edmundo sofria bullying na escola para meninos que começou a frequentar pouco antes do início da guerra. Dado que também passei por experiências semelhantes em tenra idade, consigo me identificar com sua revolta em relação a tudo ao seu redor.

Dito isso, a sua aventura começa quando Lúcia, sua irmã mais nova, faz uma descoberta inesperada ao entrar em Nárnia por acidente. Durante uma brincadeira de esconde-esconde na casa do professor Kirke, Lúcia se esconde em um guarda-roupa e, para sua surpresa, acaba adentrando o mundo de Nárnia. Lá, ela encontra o Sr. Tumnus, um amável sátiro que a convida para tomar chá em sua casa. Porém, o medo toma conta do fauno, que inicialmente considera denunciar a presença de Lúcia à Feiticeira Branca, uma vez que esta buscava capturar seres humanos a qualquer custo e transformar em estátuas de pedra aqueles que não cooperassem ou tentassem enganá-la. No entanto, movido pelo arrependimento, o Sr. Tumnus convence Lúcia a fugir de Nárnia e retornar ao seu mundo. Lúcia compartilha toda a sua experiência com os irmãos, mas infelizmente eles não acreditam nela, e para piorar a situação, Edmundo passa a zombar constantemente de Lúcia: “Sem hesitar, resolveu entrar também — não porque o

considerasse um bom esconderijo, mas porque tinha vontade de continuar a chateá-la com o seu mundo imaginário.” (LEWIS, 2011, p. 114).

Quando, mais adiante na história, Edmundo busca por Lúcia, ele entra no guarda-roupa e acaba parando em Nárnia também. Assim que entra neste novo mundo, ele chama por Lúcia dizendo: “— Lu! Estou arrependido por não ter acreditado. Você tinha razão. Pode aparecer. Vamos fazer as pazes. Mas para se mesmo dizia: ‘Isso é mesmo coisa de menina. Emburrada num canto por aí, não querendo aceitar minhas desculpas’” (LEWIS, 2011, p. 114).

Completamente diferente é a atitude do irmão mais velho Pedro, quando, mais adiante, os quatro irmãos adentram Nárnia. Agora, arrependido por não ter acreditado em Lúcia, ele humildemente pede desculpas dizendo: “— Desculpe se eu não acreditei. Quer fazer as pazes?” (LEWIS, 2011, p. 126), e por Edmundo mentir que Nárnia era invenção de Lúcia, Pedro repreende:

“— Ah, então, você já esteve aqui! Você disse que era mentira da Lu! Fez-se um silêncio mortal. — Se há uma coisa que eu odeio... — disse Pedro, mas logo se calou, encolhendo os ombros. De fato, nada mais havia a dizer. E de novo puseram-se a caminho. Edmundo ia resmungando para si mesmo: ‘Cambada de gente pretensiosa! Um dia, vocês me pagam!’” (LEWIS, 2011, p. 127).

Veja que Edmundo não demonstra verdadeiro arrependimento em nenhuma das duas situações. Suas desculpas são vazias, apenas para satisfazer as aparências, enquanto ele continua a se considerar superior à sua irmã. Quando confrontado por seu irmão, ele não pede perdão, mas guarda ressentimento. Seu egoísmo e falsidade estão prestes a causar problemas de proporções ainda maiores, pois havia encontrado a Feiticeira na primeira vez em que esteve em Nárnia, que o enganou oferecendo-lhe o doce manjar turco, em troca de trazer seus irmãos até ela. Agora que todos os irmãos estão em Nárnia, Edmundo decide encontrar novamente a Feiticeira, secretamente escapando de todos. “Mas, lá no fundo, o que mais desejava era voltar para faltar-se daquele maravilhoso manjar.” (LEWIS, 2011, p.119). No entanto, desta vez, ela não o recebe com o manjar turco, mas o mantém como prisioneiro, infligindo terríveis maus tratos.

A obstinação, teimosia e orgulho de Edmundo teriam consequências ainda mais graves. Segundo as leis de Nárnia, todo traidor pertence à Feiticeira. Se essas leis não fossem obedecidas, Nárnia seria amaldiçoada. Como mencionado anteriormente, Aslam, o verdadeiro governante daquele mundo, decide se entregar no lugar de Edmundo. A Feiticeira, concordando com o trato, o mata. No entanto, traiçoeiramente, ela não cumpre sua parte do acordo e ataca os narnianos que se submeteram a Aslam, em vez dela.

O que a Feiticeira não sabia é que “Se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás [...]” (LEWIS, 2011, p.175). Ou seja, Aslam não permanece morto, mas ressuscita ainda mais imponente do que era. Quando Susana e Lúcia o encontram, são tomadas de alegria e de espanto.

Com isso, a Feiticeira não era mais dona de Edmundo. Ela ainda tentou matá-lo na guerra, mas ele foi redimido, ou seja, Edmundo deixou de pertencer à Feiticeira para pertencer a Aslam, assim, não simplesmente houve um cancelamento da culpa, mas houve também uma transformação de caráter em Edmundo e no mundo à sua volta.

A Feiticeira foi derrotada e morta, seus prisioneiros foram libertos, Aslam e seus aliados triunfaram, e a paz começou a ser restaurada em Nárnia graças à vitória de Aslam. Os irmãos foram transformados, inclusive Edmundo, que antes era um pecador orgulhoso e sem arrependimento, agora se tornava Edmundo, o Justo.

Aslam realizou o milagre de transformar o mal em bem.

Como diz a cantiga entoada pelos narnianos, “O mal será bem quando Aslam chegar / Ao seu rugido, a dor fugirá, / Nos seus dentes, o inverno morrerá, / Na sua juba, a flor há de voltar.” (LEWIS, 2011, p.137).

C. S. Lewis, por meio desta crônica, visa transmitir a importância do sacrifício de Aslam e o poder de transformação presente na história de Edmundo. O personagem de Edmundo representa um indivíduo falso e orgulhoso em relação aos seus irmãos, mas ao longo da narrativa, ele experimenta uma mudança profunda. Ele supera suas falhas e aprende a amar seus irmãos, desenvolvendo um senso de serviço em relação a Aslam, tendo sido transformado de pecador a alguém chamado de “o Justo”.

Através desses elementos, Lewis nos mostra que o sacrifício de Aslam e a aceitação desse sacrifício por parte de Edmundo resultam em redenção e transformação. É uma reflexão sobre a capacidade de mudança e a importância do arrependimento sincero. Lewis ilustra como os personagens podem superar suas fraquezas e encontrar a redenção, demonstrando que ninguém está além do alcance da graça e da transformação.

Em suma, C. S. Lewis nos ensina por meio dessa crônica sobre o valor do sacrifício, a importância do amor fraternal, o poder da redenção e a capacidade de transformação que está disponível para todos.

Na história, nossa identificação não se dá inicialmente com Pedro por sua respeitabilidade, nem com Lúcia por sua amabilidade, nem com Susana por sua capacidade de ouvir. Pelo contrário, identificamo-nos com Edmundo por sua obstinação e o fato de nosso egoísmo muitas vezes prevalecer.

Igualmente a Edmundo, nós desejamos o manjar turco ofertado pela Feiticeira. Como cristã, acredito que somos como Esaú, vendendo a primogenitura por pratos de lentilha, em Gênesis 25:29-34. Enganados, nos tornamos escravos, mas assim como Aslam reverteu o inverno em primavera e fez a morte andar para trás, Cristo reverteu as trevas em luz e tirou o agulhão da morte que nos afligia.

Edmundo foi justificado de seu pecado por Aslam e foi transformado por seu amor. Sua relação com os irmãos mudou. Sua afeição por Aslam mudou. A sua posição mudou. Da mesma forma, na cosmovisão cristã, acreditamos que nossa falsidade, hipocrisia e egoísmo são transformados em sinceridade, amor e generosidade devido a Cristo. Nossa rejeição a Jesus, é transformado em devoção amorosa a servi-lo, mesmo que isso nos custe a vida. A transformação de Edmundo é a transformação de cada um daqueles por quem Cristo morreu.

Edmundo é chamado de “o Justo” porque foi justificado por Aslam. Na verdade, Edmundo representa cada um de nós. Todos nós, em algum momento, nos vendemos e traímos aqueles que amamos por desejos passageiros e, em outros momentos, nos acovardamos e percebemos a nossa tolice. No entanto, mesmo traindo aqueles que amamos e, o que é mais grave, traindo Aquele que nos ama, somos poupados da morte. Era Edmundo quem deveria estar naquela Mesa de Pedra; era eu e você quem deveria estar naquela Cruz. Mas por conhecer o que estava por vir, “A Magia mais Profunda” que Aslam explica às meninas, ele se entrega e morre no lugar do traidor. Em seguida, o leão ressurgiu e tem uma conversa com Edmundo, talvez o exortando a não agir mais como um tolo, talvez o acalmando e fazendo-o entender que ninguém além de Aslam pode condená-lo, mas escolheu não o fazer. Imagino que seria algo como: “Eu morri em seu lugar, Edmundo. Só eu posso condená-lo, mas decidi não fazê-lo”. A partir desse momento, Edmundo é considerado “o Justo”, pois aquele que o justificou não foi uma pessoa qualquer. Após ser justificado, é necessário deixar o passado no esquecimento e permitir que tudo se renove a partir desse ponto. É inútil falar sobre o que aconteceu. O que passou, passou.

Assim como Edmundo, sei que um traidor pode se corrigir, pois conheço um: eu.

As Crônicas de Nárnia vão além de meros contos de fadas para crianças. Elas contêm algo belo e sublime, algo verdadeiro com o poder de esclarecer coisas que antes estavam obscurecidas. Vemos aqui uma representação clara de que a fantasia pode transmitir ideais e valores de seus autores de uma forma que a não-ficção não permite.

Independentemente da crença na veracidade da Bíblia, é inegável que seus elementos fantásticos contribuem para o seu apelo e penetração no imaginário popular. Essa riqueza de narrativas, embasadas nas escrituras, permite que a Bíblia possa transmitir ensinamentos profundos e universais, transcendendo as fronteiras religiosas. Assim, a Bíblia se torna uma fonte inspiradora não apenas para os crentes, mas também para aqueles que buscam sabedoria moral e uma conexão com o transcendental, independentemente de sua afiliação religiosa.

3 A MORADA DOS ELEITOS

3.1 SINOPSE

Em uma casa afastada da civilização de Páramo, moravam Elena e Myriam, duas irmãs que foram criadas pela avó, Sissa. Elena, a mais velha, sonhava em sair daquele lugar e explorar o reino. Já a mais nova, Myriam, era feliz ali com a avó e com as poucas atividades que tinham. Enquanto isso, a capital de Páramo era governada por feiticeiros poderosos tirânicos, conhecidos como o conselho da cidadela. Eles queriam algo daquelas meninas que não faziam ideia de como era a vida fora daquela região monótona. A única pessoa que elas conheciam era a sua avó, que escondia um segredo terrível. Certo dia, a casa é atacada e incendiada, separando as duas irmãs para sempre. As duas seguem destinos opostos, e terão que lutar para encontrar seu lugar no mundo, enfrentando seus medos e fazendo escolhas difíceis, sabendo que suas ações podem mudar o rumo de uma guerra e do próprio reino. Elas terão que aprender a renunciar o seu orgulho e a se deixarem ser vulneráveis em situações que elas não conseguirão vencer apenas com a força física.

A morada dos eleitos é um romance de autodescoberta e fantasia, onde a guerreira não é a única que pode salvar o mundo, onde a vilã não é a única que pode destruí-lo, mas foram chamadas, por uma força maior, para aniquilar o mal que vive em Páramo.

3.2 ROMANCE

Prólogo

Myriam acordou assustada, tossindo e se engasgando devido à fumaça que invadia os seus pulmões. A escuridão que envolvia a pequena casa agora era cortada pelas chamas que consumiam tudo em seu redor. Sem entender o que estava acontecendo, ela tentou se levantar, mas sentiu uma forte dor em sua cabeça e percebeu estar machucada. Tentou se levantar novamente, sem sucesso, pois sentia como se o seu peso tivesse dobrado.

O fogo já tinha tomado conta de grande parte da casa, as chamas se propagaram por todo o telhado. A fumaça foi elevada para o céu, criando uma nuvem escura sobre o local. A casa estava envolta em uma aura amarelada e laranja, com chamas que se espalharam pelas paredes de madeira, iluminando a noite. O que antes era um lugar calmo e sereno agora era um inferno ardente. A madeira queimava com um estalo alto e crepitante, criando uma cacofonia de sons que ecoavam por toda a área. As chamas dançavam no ar, criando padrões caóticos e imprevisíveis.

A cena era devastadora. O lugar que Myriam conhecia desde criança, onde passou momentos felizes ao lado de sua avó e irmã, agora era apenas um amontoado de destroços. Ela sentiu uma dor profunda em seu peito, como se o mundo tivesse desabado sobre ela. As paredes de madeira, outrora bonitas e bem cuidadas, agora estavam carbonizadas. A fumaça negra e densa, tornava o ar insuportável de respirar e dificultava a visibilidade da pequena Myriam.

Com muito esforço, conseguiu se manter em seus próprios pés.

— Vovó? — chamou em meio às tosses, andando devagar pela grama, agora queimada, que cercava a casa. — Onde você está?

Quanto mais percebia do que estava acontecendo, maior se tornava o seu medo, então, começou a gritar pela sua avó, na esperança que ela aparecesse e a tirasse dali.

Tentou se lembrar do que havia acontecido, mas tudo o que vinha à sua mente eram imagens parecidas com monstros, grandes e vozes que nunca tinha ouvido antes misturadas com a tão familiar de sua irmã. “Ah, Elena, como pode me deixar sozinha?”, pensou.

— Elena, onde você está?! — com lágrimas nos olhos, ela gritava seu nome, mas só conseguia ouvir o estalo das chamas e o som do vento. — Essa brincadeira não tem mais graça! — achando que sua irmã a havia pregado uma peça novamente.

Quando percebeu que sua irmã não iria responder, o desespero tomou conta de Myriam. Ora, nunca havia ficado ou se sentido tão sozinha em sua pouca vida, e como odiava sentir medo. Não queria ser uma covarde.

Então, juntou todas as suas forças e começou a correr aos tropeços em direção à casa. Quando chegou ao que seria a porta principal da pequena moradia, um pedaço enorme de madeira caiu entre ela e a porta, quase a atingindo e impedindo que ela fosse adiante.

Não vendo outra opção e com a dor do corte em sua cabeça aumentando, ela correu o máximo que podia para longe daquele lugar, adentrando na Floresta Desconhecida.

Correu até onde suas pernas pequeninas conseguiram aguentar e decidiu parar perto de uma árvore grande e robusta. Se encostou lá e ficou por alguns minutos, mesmo que se parecessem horas.

Colocou novamente a mão na cabeça, sentindo muita dor onde o machucado estava.

— Está doendo muito. Vovó, está doendo muito. — clamou aos sussurros pelo conforto dos braços de sua avó que, conforme o tempo passava, mais ela tinha certeza de que nunca os teria de novo.

Cansada de chorar, se viu lutando contra o sono. Estava frio e, sem as chamas para iluminar, a noite estava escura e aterrorizante pelo breu. Com medo, se encolheu o máximo que conseguia e se entregou ao sono profundo.

Quando acordou, ela já não estava mais em uma terra dura e suja, mas sim em uma cama confortável e limpa. Estava ainda de noite, percebeu, e havia uma mulher bem mais jovem que sua avó, se aproximando e colocando pano quente em sua cabeça.

Myriam lutou contra o impulso de chorar, percebendo que não era a sua avó que a tinha resgatado.

— Shh ... Está tudo bem. Vai ficar tudo bem. — A mulher desconhecida disse baixinho enquanto passava suavemente a mão em sua cabeça ferida, tentando acalmá-la.

Olhando para os olhos da moça, Myriam perde, novamente, a luta contra o sono e a única imagem que aparecia em sua mente era o rosto de sua amada avó sendo engolida pelas chamas enquanto lhe dava um olhar triste, como um pedido de desculpas.

Capítulo Um — “Esconde - Esconde”

Havia uma casa não muito grande, nem muito pequena, em um campo rodeado por árvores de eucalipto com apenas uma estrada de terra como meio de chegada e de saída. Nela, morava uma senhora chamada Sissa e suas duas netas, Elena e Myriam.

As duas irmãs brincavam de esconde-esconde pelos arredores e era a vez da Myriam procurar. Com os pés descalços, ela andava sorrateiramente na grama verde e exuberante, pontilhada aqui e ali por pequenas flores selvagens, que cobriam o solo de seu quintal. Logo atrás, a casa de campo parecia uma estrutura pitoresca e rústica, com paredes de madeira envelhecida e um telhado inclinado de telhas vermelhas. Na entrada, havia uma pequena varanda coberta que se estendia ao longo de uma das paredes, com um balanço de madeira pendurado em um dos cantos. Um pequeno jardim cercado por uma cerca de madeira branca, possuía uma fileira de flores coloridas ao longo do caminho de entrada.

Alguns metros além, existia um galinheiro, onde algumas de suas galinhas andavam livremente em busca de comida em seu quintal entre a estradinha de terra e a Floresta Desconhecida, um lugar obscuro que Sissa proibiu as meninas de chegar perto. Indo em direção ao horizonte, onde se encontrava o pôr do sol e o campo, havia uma plantação extensa de trigo. As meninas adoravam correr por lá e sentir a sensação das folhas de trigo tocando sua pele.

O dia estava lindo, sem nuvens no céu e um calor quase insuportável. “*Ainda bem*”, pensou Myriam, pois com os poucos tecidos que tinham, sua avó não conseguiria fazer mantas o suficiente. Concluiu que o inverno seria muito pior.

Uma movimentação debaixo de um pano atrás das moitas de jasmim, chamou a atenção de Myriam, que foi até ele com um sorriso malicioso nos lábios. Quando puxou o pano, se decepcionou ao ver uma de suas galinhas saindo do local, cacarejando.

— Saia daqui, Charlotte! Por que não está com suas irmãs? — irritada, expulsou a pobre galinha em direção ao galinheiro. — Eu não aguento mais, Elena! Apareça logo, eu já estou te procurando faz horas. — disse exageradamente, enquanto olhava ao redor à procura de sua irmã.

Observando as galinhas, seu rosto se iluminou quando ela se lembrou de um lugar que ela ainda não havia procurado. O porão. “Como pode ter sido tão tola?”, pensou Myriam. É óbvio que sua irmã estaria escondida no lugar que ela mais tinha medo na casa.

Para Elena não suspeitar da chegada dela no porão, Myriam teve a ideia de entrar pelo alçapão, que ficava atrás na parte traseira da casa. A maçaneta era simples e de ferro, desgastada pelo uso, mas ainda funcional. Havia uma fechadura de metal na parte central da porta, com um pequeno orifício embaixo, onde uma chave poderia ser inserida para trancar ou destrancar. Ainda bem que a chave sempre ficava no vasinho de flores ali perto, para a sorte de Myriam.

Ela abre e desce devagar pelas escadas em direção à escuridão.

— Elena, eu sei que você está aí.

Myriam esperou e esperou, mas já que não recebeu nenhuma resposta, decidiu adentrar mais naquele poço de escuridão que mais temia.

Com passos leves e receosos, ela observava o local. O ar era espesso e cheio de poeira, com um odor levemente úmido e de mofo. Havia pouca luz natural, apenas uma pequena janela alta e estreita próxima ao teto, que permitia a entrada de uma fraca luz do sol durante o dia. Entre alguns móveis antigos e empoeirados, como uma mesa de madeira e algumas cadeiras, havia uma estante de livros repleta de volumes antigos, com capas com cores desbotadas e páginas amareladas pelo tempo. Nas prateleiras, havia pilhas de livros e papéis empoeirados, assim como alguns objetos esquecidos como caixas velhas, quadros empoeirados e outras antiguidades.

Em seus pés, o chão era de terra batida, com algumas pedras e raízes de árvores que brotavam do solo. Havia teias de aranha espalhadas por todo o lugar, penduradas nas vigas de madeira do teto e nas paredes. O porão parecia um lugar abandonado, com objetos que pareciam ter sido esquecidos e deixados para trás havia muito tempo. Myriam já sabia, é claro, que sua avó não tinha costume de limpar aquela parte da casa.

— Elena, eu desisto. Já perdeu a graça essa brincadeira idiota!

De repente, um sapo pula em encontro aos seus pés. Myriam grita, não só pelo susto, mas porque aquele sapo não era como os da lagoa ali perto em que ela e sua irmã costumavam tomar banho. Ele era pequeno, mas gordo e de pele enrugada e verrugosa. Sua coloração era predominantemente marrom-esverdeada, com manchas mais escuras espalhadas pelo corpo. Seus olhos eram grandes e saltados, com a pupila vertical e a íris amarela. Ele ficou em frente de Myriam e depois saiu saltitando, emitindo um som grave e rouco, que ecoava em um som gutural. Ela se estremeceu em calafrios com nojo do animal e se perguntou de onde aquele sapo havia surgido.

Quando ela voltou em direção às escadas, querendo sair daquele lugar o mais rápido possível, ela ouviu:

— Bú!

Por reflexo, Myriam gritou, fechando os olhos e tapando os ouvidos com as mãos. Quando parou de gritar, sentindo seu coração bater a mil, ela ouviu sua irmã gargalhando e a encarou, irritada.

— Não tem graça! — gritou, com lágrimas nos olhos.

— Você tinha que ver sua cara, Myri. — Elena disse, finalmente conseguindo recuperar o ar. — Foi muito engraçado.

Myriam olhava a sua irmã que continuava rindo, com raiva e mágoa.

— Não importa! — Myriam disse, sentindo-se constrangida. — Eu ganhei! Eu te achei.

— Está enganada, irmãzinha. Você não me achou, porque não está valendo mais. Você demorou muito, com medo dos bichos do porão.

Elena avançou contra Myriam, imitando um animal selvagem, tentando assustar a irmã.

Myriam deu um passo para trás.

— Para! Isso não é justo! Eu vou contar para a vovó!

Ao mencionar a sua avó, ela chamou:

— Crianças! Já chega de brincar. O almoço está pronto.

Os rostos das duas meninas se iluminaram ao ouvir o som da voz de sua avó, principalmente, anunciando a melhor hora do dia, o almoço.

— Quem chegar por último vai ter que cuidar das galinhas. — disse Elena rapidamente, já em direção às escadas que dava ao corredor dentro da casa.

— Elena! Espere! — protestou a irmã mais nova, correndo logo atrás.

A avó, Sissa, colocava os pratos na mesa redonda de madeira que ocupava a maioria do espaço no centro da cozinha. As duas meninas entraram correndo na cozinha pequena e rústica, com paredes de pedra e um teto de madeira, sentindo o cheiro de comida boa que podia ser percebido de longe. Um aroma que trazia consigo a promessa de uma refeição deliciosa, preparada com cuidado e carinho da avó, que fazia seus estômagos roncarem de fome.

— Meninas! Devagar. E não se esqueçam de lavar as mãos, a comida não vai embora.
— disse em um tom sereno.

Elena a ignorou e já foi em direção à mesa com o prato feito que sua avó preparou., enquanto Myriam tinha aceitado sua derrota. Após lavar suas mãos, andou cabisbaixa em direção ao colo de Sissa, que estava sentada pronta para almoçar.

— O que houve, minha querida? Por que está com essa carinha?

Observou sua neta apontar com o pequeno dedo indicador para a irmã mais velha, que estava muito concentrada em sua comida para perceber.

— Elena, o que você aprontou? — perguntou, com um semblante nada amigável.

Apesar de já estar na terceira idade, Sissa ainda tinha bastante disposição e era bastante prática. Por isso, sabendo das travessuras da neta mais velha, não pensou duas vezes em repreendê-la.

Elena a olhou sem entender, mas quando viu sua irmã em seu colo, riu com desdém.

— O que fiz de errado agora? A Myriam é muito medrosa, só isso. — ela olhou para a sua irmã. — Já está bem grandinha, tem que saber lidar com as consequências de seus atos. — disse Elena, se sentindo superior a Myriam.

— Elena! — repreendeu a avó — Desde quando você sabe o que consequências significa? Quero que você seja mais tolerante com sua irmã. Ela só tem nove anos.

— E por eu ser quatro anos mais velha, ela tem que me obedecer. Vai ter que cuidar das galinhas hoje.

— Nada disso! E enquanto eu estiver viva, eu tomo as rédeas por aqui. Você vai ajudar sua irmã.

— Mas vó-

Sissa a interrompeu, fazendo um gesto com a mão pedindo silêncio.

— Nem mais um piu. -- ordenou, enquanto direcionava Myriam para a sua cadeira. — Agora, vamos dar graças pela comida.

— Dar graças a quem? Só se for a senhora, que fez a comida. — disse Elena, ainda irritada pela repreensão da avó.

Sissa riu.

— Oh, minha neta. Eu seria muito tola se achasse que conseguiria fazer tudo sozinha. E a senhorita sabe muito de quem estou falando.

Contrariada, Elena finalmente se calou e deixou sua avó fazer suas preces ao Mestre dos Destinos ou O Imperador mais Elevado, Forte dos Fortes, como Sissa o chama. Ela disse que este foi o mais importante e mais antigo Imperador de além de Páramo.

— Onde ele está agora, vovó? — perguntou a mais nova.

Sissa passou a mão na cabeça de Myriam com ternura, colocando em seguida um cacho atrás de sua orelha.

— Ele se foi há muito e muito tempo. Antes mesmo de sua velha avó nascer.

— Ele não passa de uma lenda, ninguém nunca o viu. — disse Elena, revirando os olhos.

— Sim, uma lenda, passada em gerações, mas isso não quer dizer que ele nunca existiu. Como dizia a minha mãe-

— -Ele não pereceu de fato, apenas está desaparecido, mas a profecia diz que há de voltar em sua nova forma e blá, blá, blá. — Elena continuou.

Sissa observa sua neta mais velha com reprovação.

— O que foi agora? A senhora já falou isso mais de mil vezes, e eu já estou começando acreditar que é inventado, até porque, como que a gente vai encontrar ele um dia se a senhora não nos deixa sair daqui?

— Eu já lhe falei Elena. — disse Sissa com um semblante preocupado. — O mundo lá fora é muito perigoso.

Elena não respondeu, pois não queria acreditar que sua avó estava certa. Apesar de ter medo, queria saber o que tem depois daquela estradinha que uma vez por mês sua avó seguia para voltar com panos e alguns alimentos que não tinha como fazer em sua casa. Pediu muitas vezes para acompanhá-la, mas Sissa sempre dava a desculpa de que alguém tinha que cuidar de Myriam ou porque é “perigoso demais”. “Grande coisa, eu prefiro passar por perigo do que ficar nesse tédio iminente”, pensou.

Mais tarde, as irmãs estavam cuidando dos animais que viviam soltos, enchendo baldes com água fresca e distribuindo ração ou forragem. Por fim, as duas tiveram que cuidar das galinhas, para a má vontade de Elena. Além disso, elas conseguiam ajudar Sissa a cuidar dos

jardins, arrancando ervas daninhas e plantando sementes e, também, na colheita de frutas e verduras nos pomares e hortas. As crianças carregavam cestas cheias de frutas como maçãs, pêssegos e peras e coletavam legumes como tomates e pepinos.

Mesmo reclamando às vezes, as meninas gostavam de ajudar sua avó nas tarefas do campo. Para elas, era uma aventura emocionante, pois era onde podiam explorar e aprender sobre a natureza enquanto brincavam, já que ali não tinha muito o que fazer. Pelo menos era isso que Elena pensava. Quando ela tinha a idade de sua irmã, ela não se importava muito, mas agora que estava crescendo, não via a hora de sair daquele lugar pacato e descobrir o que havia depois daquilo.

Ela estava com sua avó em meio às flores e árvores frutíferas, colhendo algumas frutas maduras e podando as plantas que precisavam de cuidado enquanto Sissa explicava pacientemente como cuidar de cada planta e qual era a melhor época para colher cada fruta.

De repente, Myriam, que estava um pouco longe dando milho para as galinhas, ouviu um barulho de umas rodas batendo no chão irregular, criando um ritmo constante e cadenciado, que parecia ecoar por todo o ambiente. O ruído era acompanhado pelo estalo de chicote, que reverberava no ar como um som agudo e instalado.

— Vovó! Lena! Alguém está vindo! — correu em direção a elas, com medo, pois não estavam acostumadas a receber visitas.

— Quem? — disse Elena, com excitação na voz. — Quem será, vovó?

Sissa se levantou e olhou apreensiva na direção da carruagem. À medida que se aproximava, os sons se tornavam mais nítidos e a vibração no solo aumentava, fazendo com que as pedras e o pó se levantassem em uma nuvem densa. Ela e Elena se entreolharam, e a menina percebeu a apreensão em seu rosto, fazendo com que o seu sorriso sumisse na mesma hora.

— Pegue a sua irmã e entra para dentro de casa. — ordenou Sissa em voz baixa, quase sussurrando.

Quando viu que Elena não reagia, respirou fundo.

— Agora, Elena! Me obedeça! — ordenou novamente, empurrando suavemente Elena em direção à entrada da casa e se virou para os visitantes que já estavam saindo da carruagem.

Elena a olhou com raiva, mas fez o que lhe foi mandado. Pegou a mão da irmã e juntas, foram para dentro da casa.

Quando chegou no hall de entrada, soltou a sua irmã e foi direto para o quarto que dividia com Myriam. Era pequeno e aconchegante, com paredes de madeira rústica e um chão de tábuas polidas. As paredes eram decoradas com desenhos feitos pelas meninas, pregados com tachinhas. A maioria mostrava animais, flores e paisagens da região onde moravam.

Duas camas de solteiro ocupavam a maior parte do espaço, por isso ficavam cada uma encostada em paredes opostas. Elas tinham lençóis brancos e cobertores de lã xadrez em tons de azul e verde. Uma pequena mesa de cabeceira ficava entre as camas. Um armário antigo de madeira ficava ao lado da porta e uma pequena escrivaninha de madeira com uma cadeira simples ocupava o canto oposto do quarto, onde a mais velha, Elena, gostava de desenhar e escrever em seu caderno.

Na parede em frente às camas havia uma pequena janela que tinha a vista da entrada da varanda, com cortinas floridas que deixavam a luz natural entrar durante o dia. Uma prateleira de madeira com alguns livros e brinquedos ocupava o espaço acima da janela. Um tapete felpudo e colorido cobria o chão.

Quando Elena entrou, foi direto para a janela, para ver quem era o sujeito. “Ou a sujeita”, pensou.

A mulher, que agora conversava com sua avó, estava vestida com roupas finas e luxuosas, feitas de seda e cetim, adornadas com joias e bordados de ouro. Seus cabelos estavam perfeitamente arrumados, presos em um penteado elaborado que exibia sua beleza e sofisticação. Ela tinha uma postura ereta e segura, transmitindo confiança e autoridade. Elena nunca vira nada assim antes. De onde estava, conseguia ouvir uma voz suave e melodiosa, mas não conseguia decifrar o que a mulher dizia. Ouvia apenas palavras soltas como “Cidadela”, “Precisam”, “Tempo”, “Cidade”.

“Maldito seja! Desse jeito meus esforços vão ser inúteis”, pensou Elena, que não via a hora de alguém chegar e tirar ela dali, como nas histórias encantadas que sua avó lia para ela e sua irmã. Ela sabia que existia mais. Tinha que existir mais e aquela mulher era a prova disso.

— O que você está fazendo? — perguntou Myriam, que estava no batente da porta, observando a irmã.

— Myri, vem ver! — chamou Elena, entusiasmada demais para responder.

Myriam foi ao encontro de sua irmã na janela e olhou na direção ao ponto que ela estava observando. — Quem será que é?

— Não sei, mas deve ser alguém importante. Olha para as roupas dela. — apontou Elena. — Nunca vi estes tipos de tecidos antes.

— Verdade. São tão lindos! Será que ela veio trazer alguns para nós? — perguntou Myriam, enquanto olhava para a sua irmã com expectativa.

— Claro que não, Myri! Como que consegue pensar em vestidos em um momento desses. — Elena revirou os olhos. — Ela veio nos salvar!

— De quem nos salvaria? — perguntou, confusa.

— Ora, da vovó e deste lugar, é claro!

— Por que nos salvaria da vovó? Ela é boa.

Elena encarou Myriam com desdém.

— Como pode saber, se nunca conheceu mais ninguém além de mim e da vovó? — indagou Elena.

— Eu simplesmente sei. — respondeu Myriam, convicta do caráter de Sissa.

— Você é muito tola mesmo, sabia? — riu Elena, da ingenuidade da sua irmã.

— Não sou, não. Você é que é! Como vai saber se a vovó é uma pessoa ruim, se também não conhece mais ninguém?

— Cale-se! Eu quero ouvir! — ordenou Elena, não querendo mais ouvir as reclamações de Myriam, pois a estava fazendo perder o foco.

Contrariada, Myriam ficou quieta e começou a prestar atenção na conversa de sua avó com a mulher estranha. Quando, de repente, a mulher notou as duas na janela, que ficava do lado da porta de entrada, e as encarou.

As duas arfaram de susto e, rapidamente, se abaixaram, com medo dos olhos escuros e profundos da mulher.

Myriam e Elena se entreolharam.

— Será que ela nos viu? — indagou, Myriam.

— Não sei, mas acho que sim. — respondeu, Elena, quase sussurrando.

Elena subiu um pouco a cabeça, mostrando apenas os olhos e a testa, e viu que a mulher estava indo embora. Ela soltou o ar que nem havia percebido que estava segurando.

Capítulo dois — “Pega-Pega”

Já era noite quando Elena se divertia correndo pela casa atrás de Myriam. Seus cabelos castanhos voavam enquanto ela corria pela sala em busca de sua irmã mais nova. Parou por um momento, prestando atenção aos pequenos sons que vinham da cozinha. Com um sorriso travesso no rosto, ela se aproximou da porta, tentando não fazer barulho.

— Te peguei! — exclamou, acreditando ter dado o bote em Myriam.

Com um salto, ela se jogou para dentro da cozinha, mas Myriam já havia saído correndo pela outra porta que dava para o corredor.

— Myri! Você não vai conseguir escapar de mim! — gritou, Elena, ao mesmo tempo que ria e ouvia as risadinhas de sua irmã.

Ela a perseguia, movendo-se rapidamente pelos cômodos da casa. O som de seus passos ecoava pelas paredes, enquanto ela tentava alcançar a irmãzinha. A cada esquina, ela esperava encontrar Myriam, mas ela sempre parecia estar um passo à frente. Elena não desistiu e continuou perseguindo-a com determinação, os olhos brilhando com a emoção da brincadeira.

Finalmente, Elena encontrou Myriam escondida debaixo de sua cama, rindo. Elena sorriu de volta, satisfeita por encontrar a irmã. Com um rápido movimento, ela se jogou no chão, tentando agarrá-la, mas Myriam foi rápida e conseguiu escapar novamente, levantando-se e correndo pela porta do quarto. Elena a seguiu de perto, rindo e se divertindo na caça por sua irmã.

— Já chega de brincadeiras por hoje, meninas. — disse Sissa, que estava em pé no meio do corredor, interrompendo a corrida das duas. — É hora do banho.

— Mas vó! — reclamaram, em uníssono.

— Nada disso! Vamos, vamos. — respondeu Sissa, rindo da teimosia das netas.

Agora limpas e prontas para dormir, Elena e Myriam estavam deitadas em suas camas escutando mais uma das histórias encantadas que sua avó contava para elas todas as noites. Elena se aconchegou em sua cama, puxando o cobertor até o queixo, enquanto Myriam segurava sua boneca de pano com força, com os olhos fixos na avó. Sissa estava sentada na beira da cama com um livro em mãos, enquanto falava com uma voz suave e envolvente.

— E foi assim que o filho mais novo fora recebido pelo seu pai em sua casa, enquanto o mais velho fora o único que não aprovou a decisão do pai, se entregando a amargura da inveja de seu coração. — A avó fechou o livro e olhou para as meninas, sorrindo — Acho que já está na hora de dormir, minhas queridas.

— Mas e o final feliz? — perguntou Myriam, com a voz embargada de sono.

— Esse não tem final feliz. — respondeu Elena. — Né, vovó?

— De fato, não parece um final feliz. É uma história de arrependimento e perdão. — disse. — Vocês sabem o que isso significa?

As duas meninas balançaram a cabeça em sinal de negação. Os lábios de Sissa se levantaram em um sorriso discreto.

— Significa amar. Um amor tão grande que nos é dado, que nada nos resta, além de se arrepender dos nossos erros e deixar o orgulho de lado, perdoando. — ela segurou suas pequenas mãos — Vocês me prometem, que não vão deixar que destruam esse amor que sei que vocês têm em seus corações?

— Sim, vovó. — responderam, em uníssono.

Sissa se levantou e deu um beijo na testa de cada uma.

— Vó, quem era aquela mulher que veio aqui hoje à tarde? O que ela queria com a senhora? — perguntou Elena, de repente.

Sissa parou por um segundo, não sabendo o que responder. Sabia que isso iria acontecer uma hora ou outra, só não previu que iria ser tão cedo. Nem ela, nem as meninas estavam prontas, ela tinha que ganhar mais tempo.

— Amanhã a gente conversa sobre. — prometeu, com um sorriso triste. — Durmam bem, minhas queridas. — sussurrou, enquanto observava as duas se entregando ao sono.

Ela finalmente saiu, encostando a porta do quarto. Depois de um tempo, Myriam começou a observar a irmã, que já estava com os olhos fechados.

— Lena?

— Hum? — respondeu sem abrir os olhos.

— Você está acordada?

Elena bocejou e se virou, ficando de frente para Myriam, abrindo os olhos em seguida.

— O que foi?

— Você não vai me deixar, né? — perguntou, tristonha.

Elena pegou sua mão direita e a enroscou em sua mão esquerda.

— Claro que não, Myri. Eu não iria embora sem você. — disse Elena, tirando um sorriso sincero de Myriam. — Quem iria me amar senão você?

— Eu também não teria ninguém para me amar.

— Exatamente. Por isso precisamos ficar juntas. — disse Elena com os olhos já se fechando. — Para sempre.

— Eu te amo, mana. — disse Myriam em vão, pois Elena já estava dormindo para ouvir.

Myriam acordou com alguém agitando seu corpo com força. Levantou-se em um rompante, quando se deparou com o rosto de Elena, que estava com uma expressão de desespero e tinha os olhos arregalados.

— Precisamos sair daqui agora! — Elena gritou, agarrando a mão da irmã mais nova e puxando-a para fora da cama.

Só então que Myriam entendeu o que estava acontecendo em sua volta. Um fogo lambia as paredes de madeira e iluminava a escuridão da noite com um brilho alaranjado. O ar estava cheio de fumaça densa, e começou a fazer seus olhos lacrimejarem e a sua respiração ficar ofegante. O crepitar das chamas e o estalo da madeira queimando enchiam o espaço enquanto ela corria pelo corredor de mãos dadas com Elena, procurando a saída pelo meio daquele fogo.

— O que está acontecendo?! Onde está a vovó?! — perguntou Myriam.

— Eu não sei! — gritou Elena, enquanto tentava se esquivar do calor sufocante, que fazia a pele das duas suar e ficar pegajosa. Ela precisava sair dali o mais rápido possível.

Myriam parou os seus passos, de repente.

— Ela deve estar no quarto! Vamos buscá-la!

— Não! — gritou Elena, se arrependendo logo em seguida, quando viu a expressão assustada da irmã. — Nós não temos tempo, Myri! Se ficarmos aqui, vamos morrer! Temos que ir embora. Agora!

Dito isso, as duas voltaram a tentar achar a porta da saída, mas quando estavam quase lá, perceberam que o caminho até ela já estava engolido pelas chamas. Tossindo, elas se afastaram.

— Vamos pelo porão! — disse Elena — Você tinha entrado pelo alçapão, não foi?

Myriam anuiu, não conseguindo mais falar de tanto medo que sentia.

— Ótimo, então deve estar aberta. Vamos!

Quando as duas estavam subindo os degraus que davam para fora do porão, elas ouviram duas vozes grossas conversando. Se assustaram, pois nunca ouviram vozes como essas antes.

— Entre lá dentro e me traga a menina. — disse uma das vozes assustadoras.

— Mas comandan-

— Agora! Não podemos perder tempo. Preciso dela viva.

Elas os estavam observando quando um deles se afastou. Não era nem como sua avó, nem como aquela mulher. Parecia ter as mesmas características daqueles príncipes e guerreiros que sua avó contava. Estava vestido com uma armadura de metal que cobria todo o corpo, com exceção do rosto, que era protegido por um elmo de ferro. Ele empunhava uma espada longa e afiada em uma das mãos e um escudo redondo em outra. Suas botas de couro eram reforçadas com placas de metal, dando um ar perigoso e imponente.

— Um homem. — disse Elena baixinho, mas não o suficiente para que o comandante não a ouvisse.

Ele olhou em direção ao alçapão e arregalou os olhos de raiva quando as viu.

— Peguem elas! Não deixem elas escaparem!

Um grupo de homens em trajes de combate, com espadas e escudos, começaram a avançar em sua direção.

— Corra! — disse Elena, indo em direção oposta ao homem, torcendo que Myriam fizesse o mesmo.

Mas já era tarde demais. Quatro homens haviam alcançado as duas e as jogaram no chão. A irmã mais nova desmaiou com a força do impacto, mas a mais velha lutou contra seus captores com unhas e dentes. Mas sua bravura não durou muito tempo, ela foi rapidamente imobilizada por eles.

— Myri! — gritou Elena.

Quando viu que a irmã não respondia, gritou mais alto.

— Myri! — tentava sair dos braços daqueles monstros gigantes — Não! Me solta! Me solta!

Um dos homens estava indo pegar Myriam, quando o que parecia ser o comandante o repreendeu.

— Não precisamos da mais nova. — caminhou em direção da mais velha que estava gritando nos braços de outro soldado. — Essa ratinha aqui já basta.

Elena cuspiu em seu rosto. Ele fez uma careta de nojo e raiva e o limpou com sua mão enluvada.

— Me soltem! Deixa-me e minha irmã em paz!

O comandante apenas riu. Ele teria bastante trabalho pela frente.

— Calem a boca dela e levem-na daqui. Coloquem ela na carroça.

Eles avançam rapidamente, cobrindo sua boca com uma mordança para silenciá-la. Em seguida, amarram suas mãos e pés com cordas, deixando-a completamente indefesa. Elena começa a tremer de medo, com lágrimas nos olhos enquanto tenta se debater, mas os homens a seguram com força.

— Andem garotos! Não temos muito tempo! — ele olhou para os outros dois soldados. — Você dois! Terminem de incendiar o resto.

— Sim, senhor! — responderam, em uníssono.

Os dois soldados imediatamente se apressaram para concluir a tarefa de incendiar o que restava, enquanto o comandante e os outros dois levavam a menina amarrada para longe dali.

Um deles observou Myriam no chão e de alguma forma, sentiu empatia pela menina. Certificou-se do paradeiro do comandante e quando teve certeza de que ele não estava prestando atenção, pegou-a em seus braços e colocou suavemente seu corpo em um local um pouco mais longe, para que de alguma forma, pelo menos, não fosse queimada.

— Desculpa, menina. — ele sussurrou.

— Ei! O que você está fazendo? — perguntou o seu colega de trabalho.

— Nada! Só estou me certificando de que ela está morta. — mentiu, enquanto tampava o corpo da menina com seu corpo, para que ninguém a visse.

O outro soldado o olhou desconfiado, mas resolveu não continuar o assunto.

— Não demore muito! O comandante está impaciente hoje.

— Pode ir à frente!

O colega anuiu e foi andando para onde os outros estavam. Ele olhou uma última vez para o rosto inocente de Myriam e se levantou para ir embora.

Alguns dias depois, ainda não se sabia onde estava Sissa, se ela havia morrido ou se estava viva. Myriam só tinha a certeza de que ela não estava em seu quarto, e a mulher que a estava observando sentada em uma cadeira do lado da cama em que ela estava deitada, definitivamente, não era ela.

Ela era alta e esguia, com músculos definidos e postura ereta. Seus cabelos loiros estavam presos em um rabo-de-cavalo frouxo, deixando à mostra seu rosto angular e marcante. Embora seus olhos azuis fossem suaves, Myriam conseguia ver uma determinação férrea neles, como se estivessem sempre alerta e prontos para agir. Vestida com roupas simples, mas bem ajustadas, não havia dúvida de que ela era uma mulher bonita.

— Bom dia! — a mulher disse com um sorriso sereno no rosto. — Que bom que acordou. Sei que deve estar confusa, eu também estaria se estivesse em seu lugar.

Myriam a observou com desconfiança, ainda tentando entender o que estava acontecendo. A mulher parecia ter uma calma perturbadora diante da situação. Seus olhos eram penetrantes e pareciam ler a alma da menina.

— Onde está a minha avó? — Myriam perguntou, tentando manter a voz firme.

A mulher não soube o que dizer, apenas observou a menina com uma empatia que nunca havia sentido antes.

Os olhos de Myriam se encheram de lágrimas novamente, com a lembrança.

— A minha casa... eu quero ir para a minha casa. — disse Myriam, com a voz embargada do choro iminente.

A mão da mulher tentou alcançar a sua em uma tentativa falha de consolo, já que Myriam recuou sua mão, não querendo ser tocada e consolada por ninguém. Não confiava em

ninguém. Ora, o único adulto que ela conheceu em sua vida foi a sua avó. E ela não estava mais lá.

De repente, alguém bate na porta do quartinho.

— Ariadne! Estão te chamando! — disse uma voz parecida como daqueles soldados, mesmo que Myriam não se lembre deles, a voz a engatilhou e ela arfou de susto.

— Eu já estou indo! — gritou. — Não se preocupe, é só o meu marido. — disse Ariadne, percebendo a expressão assustada da menina.

— O que é “marido”? — perguntou confusa.

Tinha certeza de que sua avó nunca disse esta palavra.

— Não sabe? Talvez seja porque você é muito nova.

Ela observou que a menina estava lutando para manter os olhos abertos, provavelmente, devido ao remédio que Ariadne havia feito.

— É melhor você voltar a descansar, temos um dia inteiro pela frente.

Sua visão ficava mais turva e mais turva, até que a única coisa que passava pela sua mente era a sua avó e sua irmã.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, vimos que a literatura fantástica e a *Bíblia sagrada* possuem uma relação complexa e interconectada. A literatura fantástica é capaz de demonstrar experiências profundamente humanas, incluindo as experiências teológicas, enquanto a Bíblia contém narrativas que desafiam as estruturas racionais e exploram o mistério e o sagrado. Ambas as formas de literatura podem oferecer uma compreensão mais ampla e profunda do mundo e da experiência humana.

Ao ler e estudar *As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, conseguimos encontrar várias intertextualidades implícitas com a Bíblia e perceber como a sua metanarrativa influencia a história e os personagens.

Com isso, compreendemos que a Bíblia contém elementos fantásticos e narrativas que despertam a imaginação popular. Esses elementos, como histórias de milagres, profecias, batalhas espirituais e seres sobrenaturais, contribuem para o seu apelo e capacidade de transmitir ensinamentos de maneira universal, independentemente da religião de cada pessoa. Essas histórias podem tocar os corações e despertar reflexões sobre temas como fé, esperança, redenção, perdão e amor ao próximo. Mesmo para aqueles que não acreditam na veracidade literal dessas histórias, a Bíblia pode ser apreciada como uma fonte de sabedoria moral e espiritual, além de uma rica fonte de inspiração para a literatura e a cultura em geral.

Efetuar este trabalho não foi fácil. Tanto a parte teórica, quanto a parte criativa foram muito difíceis de serem feitas. Confesso que estava animada pela parte teórica, pois queria muito falar sobre este assunto. Porém, com o texto criativo, mesmo sabendo que queria escrever um começo de um romance com o gênero fantástico, não conseguia ter ideias o suficiente.

Tive a ideia de ser duas protagonistas já havia um tempo, mas nada estava concreto na minha cabeça. A história nasceu de um sonho que tive, ainda neste semestre, sobre uma casa de madeira, que era atacada por fogo enquanto estavam duas meninas e uma senhora dentro. Não havia mais nada, mas fiquei tão intrigada com este sonho que resolvi escrever sobre.

Imaginei a história como uma junção de imagens e, primeiramente, só consegui descrevê-las, sem nenhum aprofundamento nesses personagens. Por estar muito em cima da hora, não consegui fazer do jeito que queria, mas estou satisfeita de ter conseguido dar um pouco de voz para o narrador e um pouco de aprofundamento das personagens, como suas

personalidades bem definidas. Esta era a minha maior preocupação, desenvolver personagens cativantes e identificáveis o suficiente. Tenho noção de que não dá para fazer muito bem-feito com apenas dois capítulos, mas fico feliz que consegui terminá-los.

Em *A morada dos eleitos*, direcionarei o enredo para um público jovem adulto, em vez de infantojuvenil, visando explorar o crescimento das protagonistas e o início do desenvolvimento do enredo. Optei por retratá-las na infância, pois tenho preferência por mergulhar nas memórias dos personagens, em vez de utilizar flashbacks. Sou apaixonada por livros que contam histórias de vida, independentemente do gênero. Embora eu saiba que isso pode ser um desafio e talvez eu não consiga atingir plenamente, estou determinada a tentar.

Neste romance, planejo focar intensamente nas ações e reações das personagens, de modo que o leitor possa sentir empatia ou até mesmo raiva delas ao longo da história, conforme cometem acertos e erros. Tenho como objetivo desenvolvê-las realistamente, aproximando-as o máximo possível da complexidade humana, onde ninguém é totalmente bom ou mau. Sou admiradora de livros que nos cativam até a última página, despertando uma mistura de emoções. Para mim, o fator determinante é a capacidade de me identificar com o personagem retratado, independentemente do gênero da história.

Desse modo, usarei a metanarrativa bíblica como base para o desenvolvimento dos personagens, enredo e trama, visando transmitir valores e princípios da fé cristã. Através dessa abordagem, terei em vista criar uma obra que possa impactar positivamente os leitores, mesmo aqueles que não compartilham dessa crença específica. Desejo que todos possam extrair algo de bom e relevante dessa história, seja através da reflexão sobre questões universais como amor, perdão e redenção, ou ao se identificarem com os desafios e superações dos personagens. Será uma oportunidade de explorar a profundidade e a riqueza da narrativa bíblica de uma maneira que ressoe com diferentes públicos, permitindo a todos encontrar significado e inspiração.

REFERÊNCIAS

- BELL, James Stuart; DAWSON, Anthony Palmer. **A Biblioteca de C. S. Lewis**. Seleção de autores que influenciaram sua jornada espiritual. Tradução: Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA**. Revista e Atualizada no Brasil. Tradução: João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- CESERANI, Remo. **O Fantástico**. Tradução: Cezar Tridapalli. Londrina: Eduel, 2006.
- COSTA, Gabriela. **A lágrima de vidro**. São Paulo: Coerência, 2020.
- COSTA, Gabriela. **Caledrina Cefyr e a fonte perdida**. São Paulo: Quatro Ventos, 2023.
- FRYE, Northrop. **O grande código: A Bíblia E A Literatura**. Tradução: Marcio Stockler. Campinas: Sétimo Selo, 2021.
- LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia** [Volume único]. Tradução: Paulo Mendes Campos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LEWIS, C. S. **Sobre histórias**. Tradução: Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. Edição original. Tradução: Eduardo Pereira e Ferreira. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.
- MANLOVE, Colin N. Modern Christian Fantasy. In: MANLOVE, Colin N. **Modern Fantasy: Five Studies**. California: Resource Publications, 1992.
- MIRANDA, Vinicius A. **O outro nome de Aslam: a simbologia bíblica nas Crônicas de Nárnia**. São Francisco: LD5 Entretenimento, 2021.
- VASCONSELLOS, Marcio S. **Mística e Literatura Fantástica: Uma abordagem das obras de C. S. Lewis**. 2019. 23f. Tese (Doutorado em Teologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rio de Janeiro, 2019.
- VEITH, Gene Edward. "Fantasy and the Tradition of Christian Art." **Mythlore**, East Lansing, v. 14, n. 3, p. 34-37, mar. 1988.
- WURLITZER, L. L. **As crônicas de Olam, Volume 1: luz e sombra**. São José dos Campos: Fiel, 2016.

